

Pesquisa FAPESP nº 2021/04556-0
ENTREVISTA COM A4
Cidade: Araraquara (São Paulo, Brasil)
Entrevistado: A4, 63 anos, Gestor de projetos
Entrevistador: Rodrigo Sartori Bogo
Local de realização da entrevista: Casa dos conselhos de Araraquara, sala de reuniões

TRANSCRIÇÃO

Entrevistador

- Bem, A4, eu vou estar gravando aqui já, então só para deixar claro a parte mais burocrática e que eu sempre tenho que evidenciar isso para todo mundo que eu faço a entrevista, né? Isso é, isso aqui é uma pesquisa de caráter científico, todas as informações vão ficar asseguradas, vou utilizar só no meu trabalho e pode ser em trabalhos posteriores que derivam do meu trabalho, né? E eu só precisaria primeiro da tua... que você fale seu nome completo e dê autorização para gravar.

A4

- Meu nome é A4, gestor de projeto dentro da Secretaria de Participação Popular e, sim, vamos colaborar, tá autorizado.

Entrevistador

- Perfeito, então assim, para começar eu só vou dar uma introdução da minha pesquisa para você entender também o contexto e também o que são meus objetivos principais. Então, eu estudo qual o impacto dos orçamentos participativos em cidades médias. Então por isso que Araraquara é um dos meus estudos de caso, é uma cidade de porte médio aí que tem um orçamento participativo já consolidado há bastante tempo e como eu sou da geografia, sou um pesquisador da Geografia, eu gosto de entender qual o impacto dessas obras em diferentes partes da cidade, o impacto dela para a qualidade de vida da população, enfim, esses são os elementos que eu estou olhando mais. E minha pesquisa faz parte de um campo maior de pesquisa, é um projeto que a gente chama de Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira, tem vários pesquisadores envolvidos, vários professores de oito universidades diferentes, que a gente estuda cidades médias em uma perspectiva comparada, para avaliar quais foram as transformações na cidade brasileira nos últimos 20 anos. As cidades mudaram muito, [por] diversos motivos e eu vejo o orçamento participativo como parte dessas mudanças, um vetor claro institucional que vem da prefeitura, mas também gera modificações na cidade. Então é nesse contexto que a minha pesquisa se dá, certo? E aí para começar a entrevista eu gostaria que você falasse um pouco da tua trajetória profissional até chegar no orçamento participativo, da tua vida, da tua trajetória pessoal, profissional e até agora.

A4

- Bom, eu sempre trabalhei na área metalúrgica. Eu sigo essa carreira metalúrgica desde a minha juventude, aposentei dentro da carreira, dentro da metalúrgica.

Entrevistador

- Que idade você tem?

A4

- Eu tenho 63 anos, então eu venho trabalhando dentro da metalúrgica, sempre lá trabalhando, enfim, sempre participando de projetos que as empresas preparavam, participava dos conselhos. Existe uma vida assim mais próxima do... no caso da metalúrgica, do funcionário, né? Fazia parte de conselhos representando o grupo de funcionários, sempre fui assim, "cipeiro" por muitos anos, então era muito próximo dos funcionários da empresa, dos colaboradores, e essa foi a minha vida. Eu tive esse contato muito, muito contato com o pessoal.

Entrevistador

- Aqui em Araraquara mesmo?

A4

- Aqui em Araraquara. Eu trabalhei um grande tempo nas indústrias Vilarés e depois no grupo Inepar-IESA, né? E entrei em algumas empresas, umas microempresas, onde nesse meio período entre uma e outra eu fiquei trabalhando, mas sempre trabalhando em prol do funcionário, sempre lutando pelo funcionário. Eu tinha isso comigo e tenho isso comigo, né? Tipo assim, se tiver o que pedir, para mim eu não peço, mas pro meu amigo de equipe eu vou pedir, você entendeu? Então essa foi a minha trajetória. E nesse contexto, quando o Edinho Silva veio com a prefeitura [em 2017], a gente já tinha um certo conhecimento, praticamente a gente... vamos por aí, a gente se conhece há 40 anos, brincando, somando 40 anos, ele me convidou para vir trabalhar no orçamento participativo. E eu já conhecia o orçamento participativo, porque acompanhava a gestão antiga dele [2001-2008], né? A anterior dele.

Entrevistador

- Você participava das plenárias?

A4

- Participava das plenárias, ia às plenárias, enfim. E o dia que ele me chamou para vir para o orçamento participativo... é lógico. Quem gosta de trabalhar com o povo, quem gosta de estar ouvindo o que acontece lá fora, porque dentro é fácil resolver. Fora que é difícil resolver. Eu aceitei. E estou hoje, estou hoje, agora para o segundo mandato, desse segundo mandato dele agora, encerrando esse segundo mandato, praticamente, dentro da Secretaria de Participação Popular.

Entrevistador

- Então desde 2017 você está.

A4

- [Desde] 1º de janeiro de 2017 eu estou aqui no Orçamento Participativo, acredito que seja o único que ficou, né, eu brinco com o pessoal que vou fazer um livro, né? [risos] Remanescente, dentro da Secretaria de Participação Popular. E assim, procurando sempre dar o melhor de mim, sempre o melhor de mim,

sempre procurando ser correto e também lá fora, levar a resposta. Como diz o prefeito, sim ou não, você tem que levar a resposta pra comunidade, para a população, né? E isso é o que a gente procura fazer de melhor. Estar ao lado do povo, no meio do povo, que é o trabalho do Orçamento Participativo, que é o povo falando, né? Isso para mim foi muito gratificante. E é uma lição que eu vou levar. Eu vou levar. Tanto que com 57 anos eu fui fazer faculdade. Fui fazer faculdade.

Entrevistador

- Em que? - **Tecnologia em gestão pública.** - Legal.

A4

- Aí eu fui fazer essa faculdade, tá, para poder me entender melhor dentro do processo. Então é assim, que nem eu te disse, agora, há poucos minutos atrás, é dedicação, é você estar ali compromissado com você ter que... Você veio para isso, para fazer o OP. E OP é ouvir o povo. Não tem como você não ouvir o povo. E eu gosto muito dessa parte aí, né?

Entrevistador

- É, então você podia, aproveitando já isso, você podia descrever para gente as suas funções mesmo. Qual que é o teu papel dentro do OP e as funções que você exerce no programa.

A4

- Hoje no OP eu estou como gestor do projeto. Mas como... como eu disse, com o tempo que a gente tá aqui dentro, dentro do Orçamento Participativo, você acaba se tornando, assim, uma referência. Então eu estou em tudo quanto é área. Eu estou ali, eu estou trabalhando na rua com o pessoal, estou aqui dentro, vendo o que acontece, estamos se preparando para organizações, preparando reuniões, enfim, tá ali em contato com o povo, com lideranças, trazendo esse povo para o nosso lado, para o lado do... do que tem que participar do Orçamento Participativo, independente qual seja o governo, é a voz do povo que tá ali. E se o governo não quer fazer, o povo tem o direito de cobrar. "Queremos fazer", enfim, é isso, é tentar mostrar para o povo que aqui é a base deles, que aqui é que eles podem pedir, que aqui é o Orçamento, a gente vai ouvir, a gente vai ouvir e vai levar. Como você vê aí, você tá acompanhando, tem várias obras, que ela ficou em segunda ou terceira no OP, mas ela tá sendo entregue antes da primeira, com emendas parlamentares, enfim, com busca de verba, busca de... de dinheiro para que essas obras continuem. E é dentro disso que eu prego, plante sua semente dentro do Orçamento Participativo, ela vai germinar. Então meu papel aí fora é como se eu... eu seria aquele agente político, onde eu vou levar o que tá lá, o que é bom pra eles, o que eles têm que fazer, enfim, estar lá do lado da comunidade, do lado daquela pessoa que tá precisando do posto de saúde, do lado daquela pessoa que tá precisando de assistência do fundo social... porque na verdade a nossa secretaria é isso, né, é a participação popular. E o povo com certeza ele tem que participar, ele tem que estar ativo, ele não sabe dos seus direitos. E mais uma coisa, votar! Ele tem que votar. Não importa se ele vai votar para a obra X ou a obra Y, mas ele tem que aprender a votar, ele tem esse direito de votar. Como diz o nosso prefeito, o voto não termina na

urna. O voto depois... o voto da urna é fácil, depois você tem que votar para melhorias, em geral. Então eu penso que o meu papel hoje aqui dentro é esse, é estar lá fora conversando com o povo e falando com eles "ó, você tem um direito, você tem o direito de votar, tem o direito de gerir, tem o direito de cobrar". Porque senão vira naquela monotonia de se fazer o que o prefeito quer, o que o gabinete quer, o que o vereador quer. E na verdade hoje nessa gestão, é o povo que manda, não importa o que vai acontecer dentro do orçamento participativo. Tem obras que você fala [que] é faraônica, mas o povo pediu, é a voz do povo, e não tem como você recuar da voz do povo. Ele sabe a necessidade que ele tem, então é isso. E lá fora é eu ouvir e trazer isso e tentar transformar isso em realidade.

Entrevistador

- Como gestor dos projetos, você só acompanha então os projetos que estão sendo executados, as obras também?

A4

- Sim, as obras, acompanho as obras, acompanho o projeto, apresento o projeto à comunidade, é feita a discussão com a comunidade antes desse projeto ser finalizado. Exemplo, você vai para a Unidade de Saúde, você vai ouvir o trabalhador da unidade, o colaborador da unidade, aquele que trabalha no dia a dia, é ele que sabe os problemas da... que ele passa dentro da Unidade de Saúde, o que o funcionário passa dentro de um CR [centro de referência], o que o funcionário passa dentro de uma MF [?], é ele que sabe o que precisa. Então a gente, vamos, apresentamos o projeto, muitas coisas são mudadas, esse projeto retorna, depois é aprovado, é feito novamente uma nova amostragem, enfim, ele só vai ser aprovado a hora que a comunidade falar "é isso que a gente quer". É lógico, dentro das condições que o nosso serviço de obras, a nossa Secretaria de Obras, a Secretaria de SDU [Secretaria de Desenvolvimento Urbano], eles falaram isso, é dentro disso aqui, que puder melhorar, a gente vai estar melhorando. É como eu digo, volta a ouvir a comunidade, a última palavra é deles, e dentro disso, dentro desse contexto, é eu que estou lá fora, é eu que estou indo para os assentamentos, porque se tem uma vivência lá fora diferente daqui de dentro, você tem que entender que às vezes a pessoa que fez o projeto, não que ela não queira fazer um completo, mas quem tem que completar é quem está lá, tá? "Eu preciso de mais uma sala, eu preciso que isso seja assim", então esse é o momento que eu vou estar lá e vou estar ouvindo.

Entrevistador

- Perfeito, e dentro dessas funções que você tem, quais tem sido os maiores desafios e dificuldades que você tem identificado?

A4

- Hoje, o maior desafio que a gente possa estar enfrentando dentro do orçamento participativo... a gente está em um certo atraso de obras, entre aspas, "dentro do limite", mas o povo taxa como atraso. Porque a gente tem muitos problemas com a Caixa Econômica Federal para aprovações de projetos, busca de

emendas, tivemos praticamente que parar o orçamento participativo dois anos sem empregar dinheiro nenhum em obra, foi a pandemia que arrebentou com todo mundo aí, ainda que a Araraquara foi privilegiada, apesar de ter perdido mais de 600 pessoas, enfim, a dificuldade hoje é você explicar para a população porque essa obra não está saindo. Porque do outro lado ela precisa, e ela cobra, então isso é difícil você estar explicando, porque muda-se todo dia, hoje vai ter uma OS [ordem de serviço] em tal lugar, mas de repente a Caixa emperrou o projeto. Porque a Caixa tem... você manda um projeto, às vezes tem [que mandar] até 10 vezes para eles o mesmo projeto, e isso cai onde? Cai em cima do orçamento participativo, "o orçamento participativo não está indo". Na verdade, essa seria a pior parte, tanto que a gente vai fazer reuniões agora com vários lugares que saíram obras para estar falando isso, que o problema não está na prefeitura, que o problema está onde? No desenrolar os projetos, no desenrolar na Caixa Econômica Federal, no desenrolar, enfim, porque tudo se atrasou. Em dois anos praticamente Araraquara parou, e agora vem retomando com toda a força, com toda a força, teve que se preparar novamente para poder estar retomando, né? São, em média por ano, 18 obras junto com programas, mas muito ainda as pessoas entendem que OP é obra, e na verdade OP pode ser um programa, pode ser um projeto, enfim, é só a comunidade saber escolher, mas a maior dificuldade hoje ainda é prestar conta do que a gente tirou em plenárias, e como que está a situação. Porque se você pegar, são várias. Hoje a [secretaria de] saúde está dando várias ordens de serviço, mas existe um pacote da educação para ser aprovado, existe um pacote entre CRAS, Centro DIAs, que está lá o pacote pronto para poder fazer, mas depende ainda de um aval da Caixa Econômica Federal, que é o crefisa [?], é onde a prefeitura vai buscar os valores que precisa para empregar nas obras. Mas tirando isso... hoje o maior ponto é esse, como vocês explicar para a comunidade que a obra dele não está em atraso, ela está em andamento, porque não existe data para você iniciar uma obra e nem terminar. Isso vai...

Entrevistador

- E você sabe dizer mais ou menos qual é a porcentagem das obras que estão em andamento, das obras que estão paradas, vamos dizer assim, você tem esse número?

A4

- Entregue hoje, até se está fazendo o levantamento, a gente está em torno de mais ou menos 70% das obras.

Entrevistador

- Desde 2017 entregue?

A4

- Entregue!

Entrevistador

- É um bom índice.

A4

- E nós temos em torno de 20%, 25% que está já em andamento, e o restante que está em fase de projeto, que é essa fase que eu vou falar para você que é a mais demorada, porque depois que você dá a ordem de serviço é questão de dias para iniciar as obras.

Entrevistador

- Claro, aí também varia muito, às vezes tem uma obra mais complexa que talvez desde o AP de 2017 ainda está em andamento, tem outras que fica pronta em alguns meses, tem também isso.

A4

- A complexidade do tamanho da obra, como vai ser, se é uma ampliação, se é somente uma reforma, ou se é reforma [e] ampliação, enfim. E também tem aquele cuidado de não entregar a obra inacabada, porque às vezes a pessoa vai [falar] "ah, mas está se preocupando com uma jardinagem", mas ela faz parte da obra, você não pode entregar uma obra no meio do mato. É complexo, principalmente quando você tem secretários que têm uma visão muito grande, como nós temos nossa Secretária da Educação. Ela se tiver um detalhe que elas acham que não está correto, ela vai... porque o OP tem que entregar a obra completa, obra equipada. Temos obra aí que está pronta, mas estamos faltando equipar. A maior obra, vamos dizer a maior obra que tem no OP é o NGE-3, que é dentro da saúde.

Entrevistador

- É posto de saúde?

A4

- É um complexo onde atende todas as patologias. - **Entendi.** - Ele hoje é num prédio, num terreno menor que esse aqui, ele vai para um prédio, um terreno dá 10 [vezes] desse aqui. É imenso, é imenso, são muitas salas, a pessoa ao mesmo tempo que ela vai ser atendida, pode ser feito o exame, e isso falta o que? Equipamento. O prédio está pronto, mas já está lá, que ela busca para poder se trazer esses equipamentos.

Entrevistador

- Equipamento de saúde é caro.

A4

- Muito caro. Então às vezes a pessoa não entende, "por que está demorando aquela obra parada lá?" Então é aquilo que eu volto a dizer, a maior dificuldade é essa, é explicar e a comunidade entender que aquilo vai ser bem feito, que não pode entregar pela metade.

Entrevistador

- É, isso é uma etapa interessante do OP que muitas vezes passa batido, ninguém pensa. A gente pensa normalmente no desenho para trazer a demanda para dentro da prefeitura, mas depois tem essa troca, né? - **Isso.** - Da prestação de contas.

A4

- E mais assim, eu quero o NGE-3, você não vai fazer um prédio do mesmo tamanho, com as mesmas condições, que não vai resolver. Você tem que pensar muito além. E também, quando você faz uma construção, você tem que pensar para 10, 20, 30 anos, posterior. Senão você vai fazer OP todo ano e você não vai conseguir vencer a demanda. E a questão do equipar, do equipar. Você imagina, são mais de 50 salas desse complexo, você tem que equipar tudo isso, é o que você disse, é muito caro. Mas assim, tudo encaminha, tudo andando, a hora que você menos imagina, você vê uma obra estourando, vai entregar, e não se entrega a obra pela metade, né? É isso que demora um pouco mais, é isso, não se entrega a obra pela metade. Se existe o projeto, esse projeto é cumprido.

Entrevistador

- Perfeito. E agora eu vou te perguntar um pouco... porque assim, a entrevista é meio que dividida em três partes. Tem a introdução, essa conversa inicial que a gente fez, agora uma segunda meio por cima. Eu quero saber um pouco mais sobre Araraquara mesmo. Você é nascido e criado aqui, você conhece a cidade, tem essa percepção como alguém que viveu diferentes partes, dentro da iniciativa privada, agora dentro da iniciativa pública, tem a convivência. E eu gostaria que você falasse um pouco sobre a tua percepção pessoal sobre as mudanças urbanas que ocorreram aqui nos últimos 10 a 15 anos. O que mudou mais em Araraquara nesse período?

A4

- Nesse período, o que mudou muito em Araraquara foi a questão da moradia. - É? - A questão da moradia mudou muito, mudou muito. Você pegar 15 anos atrás, a gente tem um bairro hoje na cidade onde ele cresceu, na minha opinião, desordenadamente, né? Que é uma área de APP [Área de Proteção Permanente]. Existia um plano piloto, esse plano piloto acho que foi mudado, né? Também sou defensor, gosto de defender o que é bom, e eu acho que o meu ambiente é tudo. Nossas represas hoje praticamente, os nossos mananciais, eles estão... para quem conheceu, que viveu lá atrás, eles estão assim, totalmente assoreados, exatamente por causa dessas construções. Você pega aí Araraquara 10 anos atrás, 15 anos atrás, se ela tivesse 5 ou 6 condomínios, era muito. Hoje é infinito. Cada dia que você sai tem um condomínio novo. Cada dia que você sai... a cidade cresceu desordenadamente nos últimos, vou por aí, 8-12 anos, foram se construindo, construindo, construindo. Quando chega esse mandato, Araraquara, o bairro [supracitado], basicamente, não tinha água, não tinha escola, não tinha unidade de saúde, não tinha UPA. O bairro lá totalmente dizia "não vá pro Vale Verde porque lá está complicado". Aí você tem um Hortênsias do outro lado também, que também totalmente desordenado. Um bairro que se construiu sem estrutura nenhuma. Hoje não, hoje vejo Araraquara totalmente mudada. Porque o orçamento participativo fez parte dessa mudança. Nesses últimos 7 anos e meio, o orçamento

participativo fez muita diferença. Nesse bairro, por exemplo, que eu acabei de falar, a gente chega lá com 3 CRs, que são escolas para infantil, uma escola imensa. A gente chega lá com um projeto chamado Quilombo Rosa, que hoje atende muitas pessoas com cursos. A gente chega lá com a maior unidade de saúde de Araraquara, está naquele bairro. E tudo isso obras que foram eleitas dentro do orçamento participativo. O orçamento participativo muda, muda a vida das pessoas. E é uma região, que se somando a região, que a gente chama, denomina região 3, é 60 mil pessoas nessa região. Então você atende desde essa região e vem atendendo as outras. Só nessa região hoje pelo OP a gente tem 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, vamos por aí uma média de 12 obras do orçamento participativo. Só nessa região. E são obras que mudam, que mudam a vida da pessoa. Porque quem precisava vir para a cidade para um CRAS, hoje tem um CRAS eleito pelo orçamento participativo. Quem trazia o filho 5 da manhã para uma escola em outro local da cidade, não, hoje ele dorme um pouco mais, então ele tem um pouco mais de saúde. E o filho está do lado da casa dele. Tudo isso é obra do OP. Tudo é obra do OP, entendeu? Então isso faz mudar.

Entrevistador

- Esse caso que estás comentando é o Vale Verde?

A4

- É o Vale Verde. Eu tomo como exemplo porque foi um local muito sofrido. Podia se chegar e dar um ataque nesse local. Mas sempre o prefeito diz "vai para o orçamento participativo". Sem orçamento participativo não tem obra. Não importa se ela fica primeiro, segunda ou terceira. Lógico, a prioridade é a primeira. Como eu disse, se chegar uma emenda para a segunda, vai fazer a segunda. Se sobrou verba para a terceira, vai fazer a terceira. Então é plantada a semente dentro do OP. E não só lá como a grande Araraquara, ela mudou muito. Você falou de OP, falando em OP, ela mudou muito. Em 2017... ela vem com o Edinho até 2008. Aí você vê que teve uma desestruturada no orçamento participativo. A gente acompanhava a vida da cidade, né? Aí ele retoma a prefeitura. Quando ele retoma a prefeitura, a força do orçamento participativo é outra. Por quê? Ele está aqui daqui a pouco e está lá buscando dinheiro para fazer a obra do OP. OP para ele é lei, é lei em Araraquara. Ele acredita que muda, e eu também acredito que muda. Porque só quem estava lá atrás e viu como era o local e você vê hoje. Eu te falei, você sai de um prédio de 50 metros quadrados, vai para um prédio de 500 metros quadrados, olha a mudança. O atendimento [incompreensível] na saúde, as escolas todas reformadas. Hoje tem em Araraquara praticamente 5 CRs... De 42, 5 CRs só que ainda não conseguiram conquistar o OP. Mas ele está plantado lá. Veio uma verba do FUNDEB, alguma coisa assim, é jogado nesse CR. Eu acredito que não vai ficar nenhum para trás nesse mandato. - **Sim.** - Porque várias obras foram feitas com o dinheiro que veio do FUNDEB. Mas que estava plantada, bem entendido, dentro do orçamento participativo.

Entrevistador

- Sim. Tem também um elemento que não necessariamente, se a obra vence, mas ela gera informação para o governo que precisa de alguma coisa.

A4

- Ela sinaliza.

A1 [aparecendo durante a entrevista]

- Nenhuma obra vai ficar para trás.

A4

- Olha lá, acabei de falar isso para ele. Nenhuma obra vai ficar para trás.

A1

- As obras que não têm recursos, o que quer que seja... hoje mesmo eu tenho uma reunião daqui 24 minutos com o senhor, seu chefe de gabinete...

A4

- É isso. O que eu acabei de falar para ele agora, nenhuma obra vai ficar para trás. Ele vai entregar a todos.

A1

- E não vai [ficar para trás].

A4

- Não vai.

A1

- Graças a deus.

A4

- É. Então, só para entender de novo sua pergunta, qual foi?

Entrevistador

- É, sobre esse elemento de que às vezes a obra não ganha dentro do OP, mas a partir do que vem na população, a prefeitura sabe, "ah, lá está precisando".

A4

- Primeiro lugar, CR X, segundo lugar, CR Y, terceiro lugar... está bom. Aí o vereador sai daqui, foi lá e consegue uma emenda. Essa emenda é para tal lugar, não importa, está plantada no OP. Ou ele traz a emenda, prefeito está aqui, prefeito vai escolher. Mas ter que estar dentro do OP. Aí ele, o pessoal liga. "Essa obra está no OP, saiu no OP?" "Saiu", "Então ela vai primeiro", entendeu? Ela foi plantada. A

comunidade sinalizou que precisa dela, e assim sucessivamente. Tem obras aí que... temos uma unidade de saúde de um bairro, inclusive bairro do De Santi, que precisava. Ela foi para o segundo lugar. Seis meses ela já estava construída. Eles receberam a emenda da deputada e tal, foi para lá, vai ter que ir lá. Então é uma obra do OP que foi concluída antes da primeira. Ou o que você falou, a complexidade da obra. De repente ela está demorando..., mas olha, temos uma escola aí que está mexendo nela inteira.

Entrevistador

- É uma que tem investimento de quase R\$ 5 milhões, não é?

A4

- Então temos o Bela Vista, que já está passando de 5 milhões.

Entrevistador

- É, o Bela Vista, sim.

A4

- E nós temos Salinas Fortes na região 1, saindo perto do Cemitério dos Britos, Vale do Sol, que também está mexendo nela inteira. Inclusive ela vai para a segunda etapa. Ela teve a primeira etapa de OP, a secretária não gostou. Ela veio com a segunda etapa dentro do FUNDEB. Para quê? Para que daqui a 5 meses, daqui a 1 ano, não precisa mexer na escola novamente. Então esse pensamento é sempre além. Às vezes essa complexidade que a população não entende, que eu não posso fazer correndo e jogar tudo de qualquer jeito, que daqui a pouco eu estou fazendo de novo. Mas assim, eles entendem o que é OP. Tanto que o OP hoje, em média, 6 mil pessoas por ano participam das reuniões do OP.

Entrevistador

- Ano passado foi mais, né? Cheguei a ver, foi mais de 8 mil.

A4

- Uma média, uma média, desde 2017. O ano passado foi o boom do orçamento participativo, mais de 8 mil pessoas.

Entrevistador

- Eu vi. É, e para o tamanho de Araraquara é uma participação bem grande. E você trouxe duas coisas. Por exemplo, a aparição de muitos condomínios nos últimos anos, um certo crescimento desordenado... E eu lembro que eu estava lendo sobre, não só é o OP, mas o governo... primeiro governo Edinho teve um controle bom do plano diretor. E aí quando entra o governo - **Muda o governo...** - Governo Barbieri, eles mexeram muito no plano diretor.

A4

- São essas construções que saíram nesse período que eram áreas de APP. E que hoje saturaram os nossos grandes mananciais nossos aí, estão praticamente todos saturados.

Entrevistador

- Em contrapartida você falou que o OP tem um peso muito grande para dar uma equilibrada.

A4

- É, esse equilíbrio.

Entrevistador

- E eu queria te perguntar, tu achas que quem promove mais o crescimento da cidade são os agentes privados ou o poder público?

A4

- Ah, os agentes privados, né?

Entrevistador

- Ainda?

A4

- Ainda os agentes privados. Muitos terrenos para especulação imobiliária centralizados, onde criam matos. E ali ele vai, vende-se hoje e amanhã retira a placa. Vende-se hoje e amanhã e retira a placa e põe de novo lá na frente. E isso se for ver, em todo o bairro da cidade existe uma área que é especulação imobiliária. O próprio Vale Verde hoje, como exemplo de novo, que eu sempre tomo lá. Muitas áreas que o prefeito [Barbieri, 2009-2016] deixou, áreas institucionais, que você poderia construir muito mais casa, pelo meu ponto de vista. Eu acho que não tem necessidade de tantas. Porque o bairro já está fechado. Ele já tem uma escola, já tem uma UPA, e o espaço onde essas entidades estão colocadas tem lugar de todas para se ampliar, até dobrar. Se você ver o terreno do UCR lá, você vai falar "não acredito que tudo isso é terreno onde está sobrando que possa se ampliar". Mas assim mesmo, dentro do contexto do bairro, são muitas áreas institucionais que poderiam ser aproveitadas. Isso falando do governo, do último governo que passou. Agora na questão do particular, da privada, propriedade privada, é os maiores especuladores, você entendeu? Você vai passar em áreas imensas que estão centralizadas hoje. A cidade cresceu e ela está lá, uma hora ele vai fazer crescer. E aí cresce totalmente... Aí você vai lá e o cara constrói um imóvel de 20 metros quadrados, faz um milhão de imóvel lá dentro. Sem qualidade nenhuma, sem condições nenhuma. Então acho que isso ainda é o privado. Ainda é o privado.

Entrevistador

- Que é mais forte?

A4

- É mais forte. Você pega uma empresa que constrói um prédio de apartamento, esses prédios que têm apartamentos de 30 metros quadrados. Num terreno desse aqui ele faz quatro. Então ele está fazendo crescer totalmente desordenado, continuo a falar, sem qualidade de vida. É o capital, né? É o capital.

Entrevistador

- E a partir disso, duas questões. Tu achas que os vazios urbanos e a habitação tem aparecido no OP, como um debate nas plenárias?

A4

- Não, não no geral não. Porque a cidade praticamente estava sem reformas. Últimas reformas que sofreram foram lá em 2002, 2006, até 2008 teve muito porque era o OP ainda, estava trabalhando. Depois as reformas pararam, hoje a pessoa chega na creche. Uma creche que tinha 300 crianças, já tem 450 hoje brincando. Cresceu, nasceu criança. Você vai numa Unidade de Saúde que atendia 3 mil, que era o porte dela, e tem, por exemplo, a Unidade que está atendendo 15 mil pessoas. E ela tem condições de atender 3 mil, 4 mil. Então o que o povo viu? Temos que melhorar essa parte. É onde eles veem, porque o filho deles estuda lá, ele é atendido na Unidade de Saúde. Ele precisa de uma área de lazer que no bairro dele não tem. Então eles estão mais trabalhando nesse encaminhamento. Uma porque acredito que nesse governo a habitação não está sendo um dos maiores problemas. Está se colocando, tirando essas pessoa da rua. Tem um aluguel social onde existe essa ação da prefeitura, é viável até a pessoa voltar para o mercado de trabalho, enfim. Então ele consegue levar habitação. Mas a grande maioria do OP mesmo é cuidar do que estava deteriorado.

Entrevistador

- E você falou sobre essa questão de não ser uma grande... Não que não seja uma prioridade, mas tem aparecido menos que outras coisas. Será que isso tem alguma influência do Minha Casa, Minha Vida, por exemplo? Qual foi o peso do Minha Casa, Minha Vida aqui em Araraquara?

A4

- O peso do Minha Casa, Minha Vida em Araraquara é muito forte. Se você pegar essa região de mais periferias, se você pegar o Parque São Paulo, é tudo Minha Casa, Minha Vida. Aí você vai para um bairro que se chama Ibirás, que é no outro lado da cidade, que chegaram e se construíram 1.500 casas. Então está x ponto, construiu, estou aqui. O que eu quero agora? Eu quero uma creche. – **Claro.** - Aí vai para o OP. Eu quero uma unidade de saúde.

Entrevistador

- Então tem essa influência vindo do governo federal com o programa e aí ele vai rebater no local.

A4

- Ele vai fechando o local. - **E aí o OP aparece...** - O OP aparece como aquele "o que está faltando?" "O que você precisa aqui agora? Qual que é a sua prioridade?" Eu acredito que assim, na questão do Minha Casa, Minha Vida, Araraquara até que foi bem contemplado. E está saindo mais, né? A gente está com o residencial São Lucas aí que é imenso. - **É?** - É imenso. Mas dentro do que eu falei, 20 metros quadrados de construção.

Entrevistador

- Minha Casa, Minha Vida também é assim?

A4

- É. Então é aí que eu falo que tem que ir, que dê mais qualidade, né? - **Sim.** - Que dê mais qualidade. Uma família que tem três pessoas não consegue morar dentro de um lugar desse aí.

Entrevistador

- E eles também são... eles replicam essa coisa do condomínio fechado também? Os Minha Casa, Minha Vida aqui? Por exemplo, eles são murados e...

A4

- Não. - **Não?** - Não, não, não. Que eu saiba em Araraquara tem nenhum. São abertos mesmo, são abertos.

Entrevistador

- Os fechados é só esse condomínio de mais posse?

A4

- É. De alta condições sociais, né? De médio alto. - **Médio alto.** - Médio alto. E tem médio para altíssimo, né? Araraquara tem disso. Ela sai de um patamar lá embaixo... Exemplo é o Oitis. Nós temos o Oitis que está no nosso território em rede, que é o território onde a gente cuida das pessoas em vulnerabilidade, né? Lá é precário. Ao lado, um muro divide, é um médio, no mesmo lugar. E você atravessa a rua, é o grande.

Entrevistador

- Onde que é? - **Aqui no Iguatemi.** - Iguatemi?

A4

- Iguatemi. Chama Residencial dos Oitis. Muito complexo, muito difícil. A gente está lá toda semana, o tráfego é muito forte. Pessoas que chegam e saem e não têm aquele pertencimento local. Porque "pô, vou ficar aqui e vou embora". Então não quer construir nada ali. E a nossa luta é essa, que construa um

Residencial dos Oitis que seja digno de sobreviver, de se viver. Mas é muito difícil, a gente encontra barreiras, e barreiras e barreiras. E a gente continua nessa luta, e a questão dos condomínios é isso. Nem se compara, né? Você fala que um condomínio hoje em Araraquara é um bairro lá na periferia. É uma desigualdade. E é nessa luta com os [conjuntos habitacionais] sociais que o governo faz, para equilibrar. Isso dá condições para quem não tem.

Entrevistador

- E agora entrando mais... Vamos falar só do OP agora. Aproveitando esse panorama geral da cidade, vamos falar só do OP. Então... Você entrou em 2017, você está com esse caminho. E em comparação com o primeiro processo de 2000 e... ali da primeira gestão do Edinho. Tem muita diferença? Ou é o mesmo modelo? O mesmo desenho?

A4

- O modelo é o mesmo. O desenho também é o mesmo. O que se muda foi que a cidade, ela cresceu. Hoje nós estamos com 11 regiões, nessas 11 regiões, a gente faz 26 ou 27 pré reuniões, que são as sub-regionais. Depois vamos para uma regional. E mais 5 temáticas. E uma plenária geral que é a plenária da cidade. Onde nessa plenária sai alguma coisa que... Envolve toda a cidade, é para a comunidade. Exemplo, a reabertura do nosso pronto socorro que tinha sido fechado no último governo e que foi o que salvou a pandemia. Onde foi preparado para isso. Já estava pronto para ser inaugurado e veio a pandemia, foi usado para isso. Então... É muitas obras. E a gente está tipo assim... Você pega aí um complexo em total de 18 obras por ano. Hoje a gente teria 5 [anos]... vamos por 20, quase 100 obras só de orçamento participativo, que é a prioridade. Aí você começa a contar segundo, terceiro... Enfim... Pacotes. Como você pega a juventude em 2017. Ela pede reforma das praças esportivas em Araraquara, então é um pacote de praças. Não é uma obra. Todos os bairros tiveram uma área de lazer de esporte sendo reformada pela prefeitura. Então é nesse caminho, nesse contexto a gente vai tocando. Eu acho que assim... Lá em 2002 até 2008 se pensava em construir. Hoje se pensou mais em reformar e ampliar. Essa é a diferença, entendeu?

Entrevistador

- Faz sentido.

A4

- Lá muita coisa foi feita. Mesmo no outro governo, foram feitos. Hoje chegou num ponto que a cidade ela envelheceu e ela cresceu, então você tem que reestruturar tudo. Num bairro onde você tinha... Selmi Dei, por exemplo, você chegava lá tinha 20 mil pessoas. Na época do Edinho, de 2002 até 2008. Hoje o Selmi Dei, se eu não [incompreensível], já está em 60 mil. Então cresceu-se creche, deteriorou... Então hoje se pede mais reformas, ampliações do que na época que era construções. Lá atrás foi muita construção. E se pensava naquele período... Esse período excedeu, agora tem que ampliar.

Entrevistador

- Perfeito. E vocês têm discutido alguma... Teve essa mudança das regiões, antes era um sete, hoje são onze. Era sete mais uma rural, e hoje é onze mais... - **Onze mais seis temáticas.** - Mais as temáticas, também tinha as temáticas antigamente. E essa mudança das regiões como foi feita? Tu sabes? Esteve envolvido?

A4

- Aí envolve geograficamente, socialmente. Tipo assim, você não pode... A gente teve que cometer um erro no início. Quando eu falo a gente, falo um contexto de orçamento participativo, todo mundo. Quando chega em 2017, vai elaborar esse novo orçamento. Coloca-se assentamento junto com a área urbana. Fica difícil para o assentado conquistar, por quê? É totalmente diferente as condições dele lá no campo do que quem está aqui. Exemplo, a gente tinha assentamento no Monte Alegre junto com o Chácara Flora. Olha a diferença. Chácara Flora são chácaras enormes, poder aquisitivo altíssimo, aí eles chegavam e levavam até o papagaio para votar. Tinham esse poder de mobilização. Eles têm uma... Eles iam para cima, conversavam com todo mundo, quem trabalhava lá, quem vivia lá, chegavam com 300, 400 pessoas na plenária. Aí você vai disputar com assentamento, ir lá do mato pegar ônibus, para vir para a plenária para votar. Porque ela tem que ser centralizada, você não pode beneficiar nem o assentamento, então a gente fazia no meio. Só que isso aqui era muito mais forte, o cara punha quatro no carro, e vai aquele lá, tal, tal. Então é totalmente diferente, e mesmo a vida no campo é diferente daqui. Aí foi se corrigindo, quando chega em 2019, ele corrige. Ele corrige, ele falou "Olha, a gente precisa mudar isso aí." Aí vem para a região... você diminuiu uma região porque você junta os assentamentos, que é o Bela Vista, está o Monte Alegre, e o horto de Bueno [de Andrade], que são esses três assentamentos, mais o Bueno de Andrade, e faz-se uma região. Onde é uma disputa franca, aberta a todo mundo em condições iguais. Quando você traz esse grupo de chácaras para dentro de uma região de Araraquara, a coisa explode, ele sente que ele não vai ganhar tão fácil mais. Então foi uma puta de uma guerra. Aí o modificante falou "Não, é social, poder aquisitivo, poder aquisitivo, geograficamente, é essa a divisão a partir de agora." Tanto que hoje na conferência não se mexe nisso. Quem tem o poder de investir só nisso agora é a SDU, que é a nossa Secretaria de Desenvolvimento Urbano. "Olha, cresceu um bairro lá, precisamos fazer mais uma sub-região lá." Não é mais nem aqui que decide, é a prefeitura que decide. Mas é dentro desse contexto aí, geograficamente, economicamente, enfim, para que se possa ter direitos iguais.

Entrevistador

- Certo. E você sente que essa divisão regional, essa maneira com que vocês... Deixa eu até achar aqui a pergunta. Essa maneira com que está distribuído hoje o desenho das subs e das plenárias, tem uma influência nos resultados do processo? Se influencia como o OP gera os resultados do OP?

A4

- Ah sim, sempre gera, porque você se sente lá, antes de você ir para o OP, você já fala "Pô, eu tenho condições de ganhar." Hoje eu disputo ali com igualdade, porque foi se movimentando, esse movimento foi se achando quais seriam as condições de cada região, qual seria a característica de cada região. Então aí dentro disso aí, você já sabe mais ou menos o que vai sair, o que não vai, a gente vai lá para auxiliar. Você entendeu? "Pensem bem, vocês têm isso, têm aquilo, têm aquilo, têm aquilo." Se você deixar, eles vão falar "eu quero uma praça." Então, aí que eu falei para você que tem que ser a agente político. Você não vai falar para ele "vota na praça", mas você tem uma visão no âmbito geral da cidade. "Essa região a situação é essa, essa e essa". Você tem o trabalho também de trazer eles, os gestores, as lideranças, fazer essas reuniões.

Entrevistador

- Tem uma articulação entre a prefeitura e a população.

A4

- Uma articulação. "Isso aqui é viável, ó, pensa bem, porque depois vai ficar difícil, só o ano que vem, e demora." Então existe essa conversa, essa participação deles e nós também tentando levar para eles o que a gente acha, eles trazer para a gente o que a gente quer, e dentro disso a gente tira um contexto. Nada que implique a gente ir lá e falar "não, você vai votar nisso". Não, muito pelo contrário. Porque às vezes a pessoa só pensa "posto de saúde, posto de saúde, posto de saúde, posto de saúde". Ela tem um problema, mas ela não vê o contexto de um bairro. Qual seria o contexto daquele bairro? Será que é a saúde hoje? Ou é só a unidade de saúde dela? Ou é só ela? Porque tem muito disso. Você faz plenária de OP hoje, a pessoa vota no buraco que tem em frente à casa dela para tapar. Tapou, ela não volta. Você tem que buscar outra pessoa, tem muito disso, né? Mas é o serviço da participação popular que eu acabei de falar com você. Estar na rua, "Olha, está assim, o que você está precisando, o que você quer? Vamos para a plenária do OP". E no contexto geral, essas mudanças mudaram muito. Essas mudanças que teve de região mudou muito. Porque você já sabia daqui, já sabia até resultado. Como que aquele pessoal lá do assentamento vai vir para competir com a Chácara Flora? É muito difícil.

Entrevistador

- Já tem esse desenho objetivando que "ah, essas áreas aqui vão receber..."

A4

- De qualquer maneira, vão receber um benefício, vão receber um investimento. É o caso do Vale Verde, então quando se fala de 2017, a gente tinha a região 3, que pegava tudo ali. Hoje existe uma região 11. Foi criada na última região que era lá. Só que assim, era muito difícil sair alguma coisa lá porque a população do Selmi Dei era muito maior, e era uma população muito mais antiga. Muito mais engajada politicamente. - **Mobilizada, né?** - E se você falar de OP, eles diziam porque tudo que foi feito em Selmi Dei foi feito em OP. Quando chegou até o Alberto Roxo, o asfalto todo foi feito em OP. O Selmi Dei todinho foi ganhar asfalto em OP em 2008, 2005. Aí o que aconteceu? Eles são mobilizados, são articulados. Aí

ficava fácil para eles chegarem e "vamos lá, vamos ganhar". Tanto que nesse ano de 2017, são poucas as vezes, eu acho que até a única. O Selmi Dei abre mão, ele ganha a plenária e abre mão para que tudo fosse feito no Vale Verde. Ele abre mão, porque não tinha como. Porque eles pediram... olha como que é, eles pediram que fosse feita a recuperação de um manancial. - **Isso em qual região?** - Região 3. Antiga região 3, que hoje é 3... e aí a gente pede para que se mude o Vale Verde para 11. Por quê? Porque ia ser muito difícil sair alguma coisa lá. - **Sim, entendi.** - É muita gente aqui [Selmi Dei], articulada politicamente. Um pessoal mais velho que chegou bem antes, bem antes. O Selmi Dei tem 40 anos. O Vale Verde acredito que não tenha 10. Entendeu? Então, é 8, 10, 10 anos, 12 anos no máximo. E já era um pessoal mais preparado. Eles vão para a plenária, ganham a plenária, que eles queriam a recuperação de um córrego, que hoje é um dos córregos mais limpos da cidade. Na hora, "pera lá, não, vamos abrir mão. A gente abre mão para o segundo lugar". Tanto que o córrego ele vai ganhar depois em 2018.

Entrevistador

- É, eu vi na lista lá.

A4

- Ele volta a ganhar em 2018. Mas nesse período, olha o que foi feito no Vale Verde. E se esse pessoal não abrir mão, se não tem essa visão de "vamos dividir", não iria sair nada lá. Então todos esses estudos foram para tudo isso, para que todas as áreas da cidade fossem beneficiadas com obras do OP.

Entrevistador

- Perfeito. E mesmo que todas as áreas recebam obras do OP, quem se beneficia mais? Que população, que áreas da cidade se beneficiam mais?

A4

- Vou falar para você, no geral, é a população que baixa a renda. É a população que realmente precisa do SUS lá. A pessoa que precisa daquela unidade de saúde, a pessoa que precisa de que seu filho estar na creche, para que ela possa trabalhar, que ela possa sair cedo e retornar tarde e pegar seu filho em totais condições, porque a educação é muito boa. Então, ela confiar que ela vai votar naquilo e aquilo vai trazer resultado para ela. As escolas que eu te falei, que hoje não precisa viajar do lado para o outro, porque a escola do teu filho está próxima da sua escola ali. É toda a Unidade de Saúde, ela tem um CR do lado, isso é um projeto do antigo prefeito Clodoaldo Medina, que todos os CRs têm que ter a Unidade de Saúde ao lado, para que seja feito o atendimento. Então, a criança vai para a escola, ela tem atendimento de saúde, tem tudo. E isso beneficia quem? Quem não tem condições, está lá. Tem bairros, que a gente tem obras do OP hoje... tem uma Unidade de Saúde que acho que é a Unidade de Saúde tem menos movimento, não que não tenha, mas é uma área mais já da classe média para alta, que seria o Jardim Imperador, aquela região onde você iria para o Selmi Dei, do lado direito. São casas grandes, são chácaras, são condomínios, muito condomínios, você entendeu? Então, não é esse pessoal que são beneficiados, tanto que eles não participam, é uma região que menos participação temos.

Entrevistador

- Qual o número?

A4

- É o Jardim Imperador, região 2. É uma região que a gente tem menos participação, porque é um pessoal de poder aquisitivo maior. Então, esse pessoal pediu, "quero uma reforma da Unidade", qual era a preocupação deles na Unidade? Não era nem ampliar e nem... eles queriam uma reforma, queriam uma reforma, tinha os vazamentos lá e uma pista de caminhada em torno. Onde um outra região que precisa falar "eu preciso de uma farmácia, eu preciso que amplie, eu estou com 15 mil, mas eu posso atender só 3 mil". É lá no fundão mesmo. E sai tipo, região 2, sai uma ponte, para atravessar de um bairro, praticamente um condomínio fechado, que está distante, que tem que atravessar o rio, porque tem que dar uma volta, e quer uma ponte. Então, enquanto você pede uma Unidade de Saúde, você pede uma ponte. Então, a grande maioria beneficiada são as pessoas de baixa renda mesmo.

Entrevistador

- Certo. E tem uma ideia que a gente fala sobre o instrumento de planejamento e tal, que é a ideia de inversão de prioridades. Quando as prioridades mudam do centro para a periferia. Quem toma as decisões é agora é o povo e não os políticos de carreira. Agora ou os investimentos vão para longe do centro, saem do centro para ir para a periferia. Você vê isso acontecendo no OP?

A4

- Sim, sim, sem dúvida, sem dúvida. Porque a região central praticamente já tem... ela está estruturada. São as regiões que começou, são as primeiras, agora vai abrindo. E você tem que atender lá, porque não adianta dar só moradia, eu te dou uma casa, mas e aí? O que vem por trás disso aí? Qual é a sua situação lá? Já o centro não, por diante do momento que ele está ali, já está montado. É muito mais fácil você trabalhar lá do que você trabalhar o centro da cidade, ou os bairros de classe média alta, porque lá a comunidade ela conversa com você. Ela quer saber quem você é, ela quer saber o que você está levando para ela de bom. Aqui as pessoas meramente te atendem. Então existe muito disso. "Ah, eu sou do OP", o OP tem lugar que ele é recriminado. Por quê? A coisa vem de baixo, é você que vai pedir o que você quer, não é o governo chegar lá e empregar o que ele quer. Tá, eu vou pintar a sarjeta e está tudo bem, vou fazer uma praça lá, acabou, morreu. Não, o que você quer? Qual é a sua prioridade? É essa a pergunta. O que você está precisando no seu bairro? Então isso incomoda. Porque na verdade, a gente é acostumado num... como eu poderia dizer, viver aí num mundo aonde vem tudo de cima, né? "Faça isso, faça aquilo, faça aquilo, faça aquilo". Araraquara, pelo menos nesse período, é o contrário. "Quero que você faça isso, quero que você me faça aquilo, precisamos disso". É diferente. Então é esse o OP, que realmente é o OP que está dando certo. É o pessoal lá falando o que eles querem, não o governo impondo o que ele quer. É lógico, sempre tem alguns ajustes. Porque sabe como que funciona, nem tudo é possível manter na medida, tudo é... Pode ser que, "pô, eu quero uma ponte submersa", "não, isso não dá, mas dá

pra fazer essa", você entendeu? Mas sempre atendendo ao pedido da comunidade, o anseio da comunidade.

Entrevistador

- E... como que se dá a participação na população, assim? Qual é a tua opinião sobre a qualidade da participação, ou a quantidade de pessoas que vão nas plenárias?

A4

- A qualidade é muito boa, se discute muito, se discute muito. A gente chega a chegar numa sub-regional, a gente trabalha com temas... esporte, educação... esporte, lazer, educação, cultura, saúde, enfim, meio ambiente. Nesses temas podem sair várias obras. Dentro do meio ambiente pode sair três, dentro do esporte pode sair duas, na educação... porque todo bairro em Araraquara hoje não tem menos que um CR, região nenhuma tem menos que um CR, nem tem menos que uma MF. Tem várias unidades de saúde. Então vinha essa discussão da sub e tal, quer isso, isso e isso, outra sub e tal, tal, tal. Então existe essa discussão ali dentro, né, num momento. E o povo ele se acostumou a fazer, que ele vai preparado para isso, ele vai preparado para debater. E esse debate é bom, que você consegue mostrar para a pessoa qual é a prioridade. Então o povo que vai, assim, tu começa a trabalhar com sub-regionais, você tem um X, 50, ele vai para passar a obra dele. Porque existe a votação, passa somente dois temas. Dentro de dois temas pode ter X de obra, ou 3X de obra, cada tema. Aí cada um mobiliza sua sub e vamos para a regional. Então, é ali no voto a voto, todo mundo votando mesmo, a discussão acontece na regional também. O governo pode fazer sua defesa, mas sempre o governo perde. Não tem como o governo ganhar a defesa de regional. E a gente sai com 50 pessoas numa sub, essa mesma sub que levou 50 ela vai levar de 150 lá na regional. Entre aspas, eles "aprenderam" a fazer o OP. E a gente já tem essa leitura. Não adianta forçar barra agora, porque não é agora o momento. A diretora da escola tal ela vai mobilizar um ônibus com 50, 70 pessoas para passar a obra. A obra dela passou, ela vai com 200. Porque ela sabe que a regional é pesada, que vem todo mundo pesado. A gente chegou a ter regional aí com 450 pessoas numa temática de idoso. Só para você ter uma noção. A gente teve plenária de ter 500 pessoas numa região dentro do OP. E disputa por 5 votos, 3 votos. Então a disputa é acirrada. É muito acirrada, mas porque antes é feito um bom trabalho de base. "Então é isso, isso, isso". Aí eles começam a se movimentar. "Olha, eu voto na sua escola esse ano, e você vota na minha?". Já existe essa articulação com os próprios moradores. Então isso é saudável, porque eles estão aprendendo como... "vamos fazer o que? Vamos dar um nó no OP?" no bom sentido. "A gente vem aqui agora, todo mundo vai lá". Inclusive esse ano que não teve por causa dessa prestação de contas, enfim, tudo isso aí, a cobrança é essa. "Pô, mas eu pedi a escola ano passado e agora a minha escola ficou para trás". Não, o OP vai voltar. Tanto que essa conferência de hoje é para que isso fique. Que o próximo governo, independente de quem seja, faça. Que eu acredito que nunca deu resultado do outro lado. Nunca deu resultado. Nunca deu.

Entrevistador

- É, isso é uma parte importante. Eu ia perguntar também como que é... porque deu para ver que o fato de ter o OP todo ano ali e dar um compromisso da parte do governo que vai ser feito é importante pra população, porque eles entendem o processo, sabem o que vai acontecer, vão aprendendo as regras do jogo, né?

A4

- É o direito de cidadão, né? A cidadania continua. Não é porque você votou que você deixou de ser cidadão. Você tem que continuar brigando pelos seus direitos. E o OP dá essa oportunidade.

Entrevistador

- E eu ia perguntar sobre essa instabilidade que teve. Porque teve... ah, teve o primeiro governo do Edinho, mas aí entrou um governo que basicamente parou com o OP, né?

A4

- Parou.

Entrevistador

- Por duas gestões, então são dois anos [sic, na verdade foram 8 anos]. Aí entra em 2017, pandemia atrapalha também, aí volta, né? E eu queria saber a tua opinião, como que essa instabilidade mexeu com o OP aqui em Araraquara?

A4

- Quando o Edinho chega para a campanha em 2016, a única pergunta que tinha "E o OP?" Porque o pessoal acreditou nele. O que ele fez de OP lá atrás, ele cumpriu. Como agora, como agora. Para você ter uma ideia, a gente sai de cinco, seis regiões, na época lá, você vai para 11, mas não sei quantas temáticas, são 18 obras, quando você tirava sete. É crer no OP. Eles acreditam no governo Edinho na questão do OP, que a pergunta maior era na campanha: "Vai voltar o OP? Vai voltar o OP?" Era isso. Tanto que ele fala, "essa é a espinha dorsal do meu governo. É o orçamento participativo, a participação popular, é o povo falando, essa é a espinha dorsal." E isso tende a crescer. A gente sai de 2017 que tá um boom. Tá, pô, todo mundo, as plenárias lotadas. Aí você faz 2018, pequena queda, pequeníssima.

Entrevistador

- É, eu vi que deu uma caída mesmo.

A4

- 2019, deu uma queda, 2020 você sai com uma pandemia, chegando em 2022. Aquele medo aí de ir para a rua, de aglomeração, mas assim mesmo tivemos um público até que atingiu... Aí você volta 2023, todo mundo bem, lotando o OP. E se você pegar as atas e ver os resultados, você vai ver que só apertadíssimo. Disputa mesmo, disputa, disputa. Então isso daí tende a o que? À credibilidade. Porque se você não

acredita, você não vai, você não vai. Então o povo acredita no que ele joga, no que ele faz. O OP se você não cumprir, você não... Se pelo simples fato de fazer OP, "ah, aquele governo faz OP", mas e aí? Ele entrega? Ele corre atrás? Ele faz? Ele busca? Ele vai lá conversar? A gente chega numa época de mobilização, a gente praticamente, uma hora dessa, não vê ninguém aqui dentro, tá todo mundo na rua. Sai daqui aos 8 da manhã e volta às 4 da tarde e retorna à noite para as plenárias, a gente faz três plenárias semanal. Tem algumas temáticas ao sábado, né? Fora todos os compromissos que a gente tem no meio disso aí. Porque aqui cai tudo, né? O OP para eles é tudo. Ele precisa de uma cesta básica, ele liga no OP [se referindo à coordenadoria de participação popular]. Ele precisa marcar uma consulta, ele liga no OP. "Ah, eu estou com uma pessoa lá na UPA, que ela está precisando de um quarto, de uma internação", eles ligam no OP. Eles têm o OP como ícone. Como eu digo para minha mulher, é saio 10 horas para buscar um frango, eu volto às 2 [da tarde] para casa. Você encontra a pessoa no mercado e "e aí? E a obra do meu bairro? E o OP?" Mas a gente tem que estar compromissado. Tá sempre vendo, inovando, lendo, porque lá fora tem que responder e responder certo. É isso que dá credibilidade. "Sim, tá em ordem. Não, não dá." É isso, porque senão se você falar "ah, pera que eu vou ver". Esquece, a pessoa não vai acreditar em você, ela não vai acreditar. Ela acredita mais no não que você fala do que "ah, eu vou ver". Não. "Ó, isso não tem condições, isso não vai sair, isso vai demorar, espera um pouco, calma, paciência". E é essa, aí ela sai. Demora, sai. Aí a pessoa acredita, ela fala "não, o OP realmente tá funcionando". Você vê quantas obras, mais de 70% entregue de obras.

Entrevistador

- Sim. E... Qual que é o papel do Edinho nisso?

A4

- Dentro do OP? - É. - É circunstancial. Edinho! Quando você fala em OP, vem a palavra "Edinho"... não tem como você desligar o Edinho de orçamento participativo. Edinho é orçamento participativo. Edinho é a participação popular. Edinho é o povo pedindo e ele executando. Não é ele executando o que o povo não pede. Ele ouve, antes de tudo. É... o papel do Edinho será sem palavra, cara, porque você vai pra rua, é impressionante que você vê o carisma. Ele vai para uma reunião de OP, ele chega meia hora antes da reunião, porque senão ele não vai conseguir atender todo mundo. Ele sai de lá uma hora depois porque todo mundo vai cercar ele. E sempre como eu te disse, é sim ou não, ele não tem meio termo, "vou ver". Não deixa ninguém sem resposta, ninguém sem resposta, não deixa atender ninguém. Confia, o povo confia nele. Existe um cara em Araraquara que se o povo confia é Edinho Silva, não tem como. São quatro mandatos de prefeito e dois de vereador, só em Araraquara. Então, a partir quando você soma tudo isso, você fala a credibilidade do cara é muito grande. E o OP, todo mundo que encontra o Edinho fala de OP, respira o OP. Não tem como.

Entrevistador

- Perfeito. E sobre as obras, sobre os investimentos que você estava comentando, que tem... trouxe de volta a questão do 70%, os investimentos eles saem majoritariamente da parte de investimentos da prefeitura?

A4

- Existem investimentos da prefeitura e existe o CREFISA [?], que é o que vem da Caixa Econômica Federal, e emendas parlamentares. Fundos perdidos. Ele busca tudo onde ele tem direito de buscar. Que nem ele falou "não quero saber de onde vem, eu quero pra minha cidade". Ele faz a boa política. Ele não briga nem com o X e nem com o Y. Ele vai lá e fala "eu preciso". Isso aconteceu muito nesses anos em Araraquara. Quando você tem todas as pontes derrubadas, praticamente, de acesso aos bairros, e ele trabalhou com o governo estadual. Quando você tem a falta de vacina, ele vai conversar com o governo estadual, que é praticamente um governo de oposição. Ele só não conseguiu fazer na época da pandemia com o governo federal. Esse não teve acordo, que pelo governo federal [de Jair Bolsonaro] Edinho Silva não existe. E não existia. Ele mandaria matar Edinho Silva se ele pudesse, hoje. Foi o cara que foi lá e peitou e falou "vai ter que ser assim". É lógico que teve uma puta de uma equipe do lado dele falando "não, tem que fazer isso, fazer aquilo", ele respeita todo mundo. Mas na verdade ele faz a boa política. Então esses investimentos não importam de onde vem. Ele vai buscar. Mas a maior parte mesmo são os financiamentos do governo federal. Você vê chegando aí R\$ 143 milhões de combate às enchentes. Aí você vê R\$ 60 milhões para poder estar aí zerando os exames, as cirurgias seletivas. Enfim, hoje está zerando tudo, tudo. E você vê a saúde super... Aí chega mais R\$ 30 milhões para que seja usado em reforma de 22 unidades. É esse dinheiro, ele vai buscar. Que nem diz ele "não tem porta fechada para mim. Se ele não me der hoje, eu volto amanhã. Se ele não me der amanhã, eu volto na outra quinta, uma hora ele vai me atender." E ele insiste. Então provém de vários deputados, com suas emendas parlamentares, ou o próprio vereador que vai buscar. Aí você tem o governo federal que hoje tem uma outra visão no país para esse campo, que é o social, que é a educação, que é a saúde, que estava indo embora. E você tem um prefeito que ele pega tudo isso para ele, não importa onde ele vá buscar. A cidade vai ter que ficar em ordem. Então é aquela briga, junto com os órgãos, e ele consegue trazer isso. E independente de qual seja o governo, qual seja a situação ou a oposição.

Entrevistador

- Perfeito. E tu sabes me dizer quantos por cento ali dos investimentos municipais vão para o OP por ano?

A4

- Investimento, em matéria de investimento, percentual? - É. - Então, isso eu não sei te dizer porque é ano após ano. Então esse ano a arrecadação é X, nós vamos poder disponibilizar tanto, entendeu? Porque existe uma... Não é uma grande fatia. Mas dentro daquele contexto que ele possa estar realizando as obras que ele está trabalhando.

Entrevistador

- É, eu vou ter que dar uma olhada acho que isso na Secretaria de Finanças talvez.

A4

- Isso. Aí você vai conversando com o pessoal lá mesmo, fala com o Renato. Fala para a A1 marcar uma conversa com o Renato. - **Renato?** - É o chefe de gabinete dele.

Entrevistador

- Ah, o Renato Ribeiro? É, eu conversei com ele já.

A4

- Ele vai poder estar te falando isso aí porque preciso assim eu não sei te dizer. - **Tá, não, tranquilo.** - Porque assim, existem as fatias maiores, né, que é o funcionalismo público, você tem a saúde que está explodindo que já está usando além do que ela precisa. - **Claro.** - Aí enfim, ainda sobrou-se isso. Como ele disse, "você ganha a sua casa, você faz a despesa, você paga a farmácia, você paga água e luz, sobrou mil reais, que tal dá para mim trocar minha geladeira". Então é mais ou menos por aí. Eu paguei isso, paguei aquilo, paguei aquilo, eu botei isso que eu posso usar no orçamento participativo. É que é onde que é feito a LOA [Lei Orçamentária Anual]... ó, a gente tem isso, divide entre as 18 obras, vem para a reunião com o COP que é o Conselho de Orçamento, define-se estimativa de valores, nunca fica valores que foi real, que foi colocado e nem abaixo. Em todo esse tempo que eu estou aqui, sempre dobrou, sempre dobrou. Você pega o Orçamento do Belo Vista, que saiu em R\$ 2 milhões, está em R\$ 6 milhões. E ainda não terminou. Aí você pega o início...

Entrevistador

- Ah, a escola do assentamento também é a obra do OP?

A4

- É obra do OP. E aí temos no assentamento, a MF e o CR, que são juntos. Aí tem aquela pavimentação, em 2017 saiu uma máquina que fica lá, ela não é da prefeitura, ela fica no assentamento só para dar manutenção nas estradas, com funcionários pagos pela prefeitura. Está saindo agora a padaria do campo, já está em projeto, e a reforma e ampliação da unidade de saúde, vai ficar imensa.

Entrevistador

- Ah, aquela unidade de saúde que tem lá também.

A4

- Isso. Então você vê isso só num assentamento. E o outro assentamento, quando existia aquela disputa com esse grupo de chácaras, não que aqui não fosse junto, foi, mas o pessoal que era menos participativo do que aquele lá. Lá eles queriam o asfalto, olha a diferença. Enquanto você pede asfalto, o outro está

pedindo unidade de saúde e reforma da creche. Tanto que até agora estava sendo investido nessa região [Chácara Flora] R\$ 18 milhões em asfalto. É justo? - **Lá nas chácaras?** - É, não é justo. Se tivesse R\$ 18 milhões de pavimentação, coisa com R\$ 3 milhões, R\$ 2 milhões você constrói uma unidade de saúde. Mas é o OP. E quando sai no OP, não tem jeito. Você falou que vai cumprir, vai cumprir. Não importa, você foi lá fazer... Saiu, saiu. Então é isso, é essa luta do dia a dia para estar servindo todo mundo. Enfim, dando condições de vida para esse povo que está lá. Hoje tem assentamentos que são super organizados. O poder público está lá. Ele está lá com escola, ele está lá com transporte coletivo, ele está lá com transporte escolar. Filho de assentado ele não fica mais de 50 metros de seu lote. São quatro ônibus, seis ônibus em cada assentamento. E tudo luta que vem, luta que é o povo pediu [e] vai. O povo pediu tem que fazer. Isso no governo dele é prioridade. Mas você fala, "mas por que que não dá?" É a primeira pergunta que ele fala, "primeiro me explica por que que não dá". E é um governo que por intermédio de muita coisa ele mantém a saúde. Se olhar Araraquara hoje em matéria de esporte, tudo tinha acabado. A sete anos atrás nós não tínhamos mais o basquetebol, não tínhamos mais o voleibol, não tínhamos mais as escolinhas de futebol. Isso tinha... tirar as crianças da rua, trazer para dentro de algum lugar, dar alguma coisa em troca. Isso tinha tudo ido embora. Ele conseguiu construir tudo isso de novo, trazendo, chamando para ele a responsabilidade. Buscando, não sei onde, mas ele conseguiu. E assim, a gente trabalha o OP nas escolinhas, vai lá, explica como que é o OP. E se vai a outro lugar, explica o que é o OP, a gente vai a um reunião de conselhos gestores, explica o que é o OP. Que o conselho, ele tem 37 conselhos hoje, municipais.

Entrevistador

- E o OP se relaciona com os conselhos?

A4

- Sim, a base é aqui, a casa dos conselhos. A gente tem relação com todos os conselhos, todos.

Entrevistador

- E tem o Prefeitura nos Bairros também, né? Também tem uma relação ali com...

A4

- Esse projeto quem toca é a Secretaria de Participação Popular, diretamente com a nossa coordenadoria. A gente sai todo dia para uma ronda, e ela está na região 4 hoje. Que é uma região imensa. Ela começa aqui na saída do atacadão, você já sabe onde fica aqui, empresa Cruz. Ela contorna, ela vai parar no shopping, até a [rodovia] Washington Luís, essa é a região 4. Você conta do cemitério para cá, já é centro. Contorna isso. - **Agora me localizei.** - Ela é enorme, então de manhã sai. "Olha, como é que está a situação nas ruas, quantas equipes têm trabalhando?" E a gente já passa olhando as demandas e encaminhando para o Gabriel, que está aqui junto com a gente também, que fica na Prefeitura nos Bairros, e ele vai distribuindo. E além do que, está o atendimento presencial de todo mundo lá, de tudo que tem na prefeitura, tem no bairro. Desde o zoonoses, DAE [Departamento de Água e Energia Elétrica],

enfim, tudo vai para o bairro. É o puta de um programa, porque ele vai dando manutenção na periferia, enquanto existe uma equipe centralizada que trabalha o centro. Agora estamos com duas equipes, uma em sentido horário e uma em anti-horário, elas vão se cruzar. Na questão da manutenção, isso parou também. Quando ele diz lá, no dia 9 de março de 2020, quando explodiu aqui no Brasil [a pandemia de COVID-19], porque já estava lá fora fazia tempo, ele [Edinho] fala "não se tapa mais nem um buraco. Não se poda mais nem uma árvore. Vamos salvar a vida." E isso quase ocasionou a cassação dele. Porque foi para a câmara municipal, foi o tribunal de contas, ele entendia que tecnicamente estava... mas os vereadores de oposição queriam que... porque tinha gastado, usado o dinheiro, tipo assim, pedalada, para saúde. - **Sim.** - E ele falou "eu estou pouco me importando, eu vou salvar vida". E ele peitou isso, foi para a câmara municipal e fez defesa, não conseguiram derrubar ele. Tentaram duas vezes nesse mandato, duas vezes. Uma vez com o filho do Bolsonaro vindo para Araraquara. Na calada da noite entraram com pedido protocolando o impeachment na câmara municipal, baseado em que? Ninguém entendia o porquê. E depois essa segunda vez que os vencedores de oposição pediram a prestação de conta dele. Mas ele conseguiu provar que o dinheiro foi para salvar a vida e isso era o que importava para ele, aconteça o que acontecesse, entendeu?

Entrevistador

- E vocês percebem muito conflito com a Câmara assim, por conta do OP, ou hoje em dia?

A4

- Não. - **Não, não muito?** - Não, porque assim, é feito em todas as reuniões. A liderança participa dessas reuniões de plenária. Lógico, nem todos. Os contra nem lá aparecem. Mas a maioria da Câmara Municipal está lá. E ela entende ainda que o povo ainda, esse grupo que ele tem, esse grupo de pessoas entende, esse grupo de vencedores que é o caminho. Então chegou na LOA, Lei Orçamentária Anual, tem tanto do OP. Só se o cara for muito, sei lá, fora do eixo, vai falar "não, eu não concordo". Tem. Tem aqueles que falam. Mas sempre ele tem maioria. Ele consegue construir isso provando que é o que tem que ser feito. Não tem outra coisa que não seja feito. E que, como no caso da Bela Vista, já tem vários adendos. O [incompreensível] X não deu. Vai para a Câmara Municipal, vota-se o adendo, é aprovado. Porque jamais, só se a pessoa for dentro de uma participação popular num governo que é o dele, e é contra a participação do povo, aí sai lá "pô, o vereador X votou contra o OP". Aí não tem como, né? Mas ainda tem. Tem aqueles que saem e votam contra o OP, que não quer nem saber de OP, que é quem manda. Autoritarismo, né? - **Sim.** - Isso é muito ruim, muito ruim.

Entrevistador

- E quais são os projetos que estão saindo mais? No caso, as demandas de população que mais aparecem ainda.

A4

- Hoje no OP, educação foi o que mais saiu. Foi assim, em massa. - **Nesse... Desde 2017?** - É. Educação foi em massa. Que nem falei, as creches já estavam totalmente defasadas, tinha que ter reforma, tinha que ter... Você começa por estrutura. Antigamente você não tinha uma impressora. Você tinha na creche simplesmente um rádio, alguma coisinha ali, um aparelho de som, era aquilo. Hoje tem impressoras, tem telão, tem isso aqui, tudo dentro de uma creche. Então você não comporta mais, começa a cair, dar problema de energia. Aí aquele chuveiro lá atrás, ele já foi. Aqueles canos de ferro que se colocavam antigamente, tá tudo com vazamento. Apodrecimento de forro, apodrecimento de piso, enfim. Educação ela veio em massa, além do crescimento, né? Creche que tinha 100 [crianças], hoje tem 300. Então a educação ela veio com tudo, 2017, 2018 e 2019. Não que não tenha saído, mas ela sabia que se é educação ia ganhar. Aí veio o povo e disse, certas pessoas, "Isso é a obrigação do governo". É, se ele tem dinheiro. "Agora, eu vou escolher uma creche pra reformar." Eu tenho três na região, eu vou lá e vou falar que vou reformar essa? Não, vocês escolhem qual a creche que vocês querem que reforme primeiro, aí aquela diretora falou "Pô, uma creche daquela lá tá coitada, tá bom, vamos mudar ela." Todo mundo votava naquela creche, que é o intuito que ele queria. Que olhasse a prioridade, que olhasse para o outro que estava do lado dele. Isso aconteceu muito. Nós tivemos no Parque São Paulo, por exemplo, a [escola] Pinto Ferraz, que a diretora nunca entrou. A creche dela tá tudo em ordem, o dinheiro que ela recebe do FUNDEB ela emprega direitinho, ela mantém. É o que eu falo, cada um tem uma maneira de administrar, essa diretora ela é nota 10. Então ela sempre mantinha a creche dela em dia, e não teve um aumento de crianças. Já tem outra creche naquela beirada do mato, quando joga água, ela entra tudo dentro da creche e não sei o quê, "Bom, vamos ajudar aquela creche?". Ela ajudou um ano, outro ano ajudou a outra. e ela tá lá, tranquila. Então é isso, a educação foi muito. Tivemos pavimentação, tivemos pavimentação, mas foi localizada. Não foi no geral da cidade. Aí tivemos Cidade Jardim, que acho que chegou aos R\$ 10 milhões de pavimentação ali, foi a primeiro e a segundo etapa. E nós tivemos a Chácara Flora que lá foi R\$ 18 milhões estava estimado, não sei dizer quanto que tá hoje não. Mas é uma obra concluída, que foi feita por etapa. Eles ganharam 2017, 2018 e 2019. Três anos seguidos. - **A pavimentação?** - A pavimentação. E depois que vem a Bela Vista, que é o calçamento lá, que é ecológico, e também hoje tá num absurdo, um absurdo o valor que tá sendo empregado lá. Mas que ele falou, não é um gasto, é um investimento. Uma qualidade de vida. "Aí nós precisamos do restante", vai para o OP, vai para a segundo etapa do OP. Esse ano eles perderam, o ano passado. Perderam para o Monte Alegre numa unidade de saúde. Porque muita gente... Porque se você consegue mudar o voto de quem faz a defesa. Quando vem a regional, você entra com suas propostas, você vai defender, você consegue virar voto, você consegue virar voto, entendeu? "Porra, mas nós estamos precisando de unidade de saúde, por que vão fazer asfalto lá?". Aí eles vão lá para votar naquela lá, você consegue virar voto, dependendo da sua defesa. É por isso que é bom a regional. Você nunca tem que falar "não, vai dar essa". Não, não chuta, porque você pode ter uma virada violenta. Então é o povo participando, não tem como. É a participação. É até de arrepiar, porque quando você chega num lugar que nem lá... vou citar novamente em o Vale Verde, porque eu trabalhei lá dois anos com o OP, no início você nem entrava, não deixava a gente entrar. A gente foi conquistando esse espaço, aí você chega em plena pandemia, você entrega três creches, uma escola. Em plena pandemia, que era restrito as inaugurações. Mas tinha que entregar, precisava, não

dava para ficar esperando ter festa nem banda para poder fazer aquilo lá. Ele vai para o bairro e entrega e eu fui acompanhar, é um negócio muito emocionante. Você viu o pessoal todo feliz lá fora, é um negócio fora do comum. E teve o depoimento do pessoal, "hoje eu levo meu filho e eu gasto cinco minutos até a escola. Antes eu ficava... Eu entrava no ônibus às cinco da manhã para levar meu filho e gastar duas horas dentro do ônibus rodando na cidade." Então é gratificante.

Entrevistador

- Perfeito. A4, eu tenho basicamente uma última pergunta. Você acha que o Orçamento Participativo enquanto um instrumento, não só o de Araraquara, mas nas outras cidades que ele implementado e tal, ele tem como objetivo a justiça territorial? Ser uma justiça dos territórios da cidade?

A4

- Ah sim, né? Sim, sem dúvida. Eu acho que devia ser em âmbito nacional, em âmbito nacional.

Entrevistador

- E você acha que em Araraquara esse objetivo está sendo atingido?

A4

- Está sendo atingido, está sendo bem atingido. Principalmente os territórios vulneráveis, né? Eles estão ali lutando por aquele espaço, eles estão acreditando, eles estão tendo pertencimento. Porque por exemplo, você tem aquilo ali que saiu e confiou. "Pois isso é meu, eu votei. Por que eu vou abandonar?", você entendeu?

Entrevistador

- E você acha que tem uma modificação das relações de poder na cidade?

A4

- Em que sentido?

Entrevistador

- Tipo, porque essas relações de poder estão muito associadas com o capital, com os grandes empresários, ou com as forças políticas antigas... e tu acha que o OP está promovendo uma mudança nesse cenário?

A4

- Ah sim, né? Muda muito. Porque a partir do momento que você tem um lugar que não tinha-se nada, e hoje se construiu muita coisa por meio do OP, e aquilo tem tendência a evoluir, quem não vai querer buscar uma fatia lá? O poder aquisitivo baixo vai comprar, de qualquer maneira ele vai comprar. Então se começa a aparecer supermercados enormes. Exemplo de novo, vou citar o Vale Verde, está um

supermercado lá dentro hoje enorme que você não falava que existia aquele supermercado. Por quê? Porque hoje tem tudo, o povo não precisa sair mais de lá. Então eu vou investir naquela área lá. Tanto que tem um vereador onde ele pensa em fazer uma moeda somente para zona norte, que ela gire lá dentro. Como você comprando na padaria, você vai ter um desconto no mercado, você vai ter um desconto na loja de tinta. Porque a partir do momento que você leva o poder público, você dá condições da pessoa ficar no lugar. Porque ela não precisa sair, alguém vai ter de investir nesse lugar, e você sabe que aí entra os grandes. Aonde eles vão lá, botam o mercado, põem uma farmácia. E hoje, o exemplo da zona norte, ela tem tudo. Tudo, tudo, tudo, tudo. É um lugar que tem mais de dez farmácias. Mercados então, você começa aqui pelo Savegnago, que é aquele da [rua] Maurício Galli, aquilo ali é zona norte. Você vê como que cresceu, porque o povo tá ali, ele não vai precisar sair dali, ele tem a escola dele ali, ele tem a creche dele ali, ele tem o posto de saúde dele lá. Tudo tá funcionando, tudo em ordem.

Entrevistador

- Tem uma descentralização ocorrendo então?

A4

- Ali, esse é meu canto. Vem para o centro por quê? Por causa de um banco? Que é o que hoje Araraquara peca, porque os bancos são tudo centralizados. Tirando a Vila Xavier, que ainda é um bloco que faz parte do centro, o que divide só a linha, que vai sair também a linha férrea, vai ficar um bloco, onde poderia ter lá mais bancos. Mas aí o que acontece? "Ah não, mas lá não tem o depósito de um valor X. Por que que eu vou pôr um banco lá? Lá eles só vão receber, eles não vão investir". É aí que peca. Porque lá ele não vai investir. Lá, aquele lá não tem dinheiro para guardar, ele vai lá receber um aposentadoria, ele vai receber um benefício, ele vai pagar uma conta. Já você pega aqui no centro, são os investimentos. Gira em torno do [sinal de dinheiro com a mão]. Então é o que peca, porque do restante, eu vejo crescendo nesse ponto. Você fica no seu lugar aqui que você vai ter tudo. Aí eles começam a colocar. Eu quando mudo para o Selmi Dei, que eu morava mais próximo aqui do centro, construí no Selmi Dei, eu mudo para lá. Eu via um Selmi Dei, hoje eu não saio de lá. Eu não saio de lá para fazer compras. Eu não saio de lá para comprar um calçado, não saio de lá para comprar roupa, uma ferramenta. Então é aí que entra, como você falou, o poder aquisitivo. "Tá, eu preciso comprar. Bom, aquele cara vai comprar. Por que eu vou deixar ele vir até o centro?", vai lá e investe. Os grandes proprietários vão lá e investem lá dentro.

Entrevistador

- É, isso porque hoje então as áreas periféricas estão... Tem mais equipamentos mesmo, né?

A4

- Muito mais, muito mais. Se você for pegar uma relação com o OP, lá de 2002, 90% de 95% é OP. - É? - Que foi quando ele entra na prefeitura, ele faz o OP, e começa essas construções. Aí para-se tudo. Aí ele volta e retoma o que? Ampliando. Ampliando e construindo, né? Porque não tem mais o que...

Entrevistador

- Uhum. Excelente. Queres acrescentar alguma coisa? Tem algum comentário, alguma coisa que acho que faltou? Pode ficar à vontade.

A4

- Não, eu só queria, assim, ficar à disposição. Estou aqui. Se faltou alguma coisa, você me manda, fala "ó, estou precisando disso", vou te encaminhando, vê o que você precisa. Aí você vai falando para mim "ó A4, eu preciso disso, você pode ver pra mim?", se estiver ao meu alcance, eu já te encaminho na hora. - **Pode deixar.** - Eu tenho um levantamento aí, mas você lembrar de cabeça assim, é muita coisa, né? Mas eu estou aqui à disposição. "Ó, eu preciso disso, A4, você pode me arrumar?", vai ser um prazer.

Entrevistador

- Então, só tenho a agradecer em meu nome, em nome da UNESP também, lá da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, assim, eu represento a instituição, né, então agradeço em nome deles também e reiterar que tudo que você passou, tudo que a gente conversou tem caráter científico, então nada vai sair dos meus trabalhos, das minhas pesquisas.

A4

- Muito bom, eu fico lisonjeado por estar participando dessa pesquisa e, enfim, jamais imaginaria que no meus 63 anos eu estaria participando de uma entrevista sobre o orçamento participativo. - **É, eu acho...**
- Queria dizer, eu jamais imaginaria que eu iria para uma faculdade, já tinha praticamente... porque eu venho de uma área metalúrgica, para mim estava tudo em paz, estava tudo em ordem, né? Mas aí seria que você tem que progredir, para você entender o que tá acontecendo lá fora.

Entrevistador

- Ah, nunca é tarde, né?

A4

- É, é isso, que nem eu falo, a molecada chega e tal, eu podia falar "estou no meu canto, estou tranquilo" e tal, mas eu não me sinto bem, então eu procuro passar tudo que eu aprendi, porque o pior burro é aquele que aprende e não passa para os outros, né? Então, não tem lógica. Mas pode contar comigo.

Entrevistador

- Perfeito, eu estou à disposição também.

A4

- "Ó, estou precisando de um dado", eu vou atrás para você, tenho meus caminhos.

Entrevistador

- Perfeito, muito obrigado.

A4

- Tá bom?

Fim da transcrição